

Entre o ir e o ficar, a dinâmica das migrações na poesia de São Gonçalves

Between Leaving and Staying: The Dynamics of Migration in the Poetry of São Gonçalves

Entre le départ et le séjour : la dynamique des migrations dans la poésie de São Gonçalves

Paula Fortunato¹, Conceição Gonçalves² e Estelle Valente³

(1) Introdução

(2) Poesia

(3) Fotografia

Desafiamos São Gonçalves a partilhar alguns poemas selecionados nesta edição dos ANAIS do IHMT. O resultado foi uma mensagem de universalidade que projeta a identidade do ser muito além das fronteiras geográficas: “Sou de nenhum lugar ou de todos os que chamo lar”. É impossível ficar indiferente à forma como a autora apresenta a sua visão poética, fruto também da experiência concreta da migração, do habitar múltiplos espaços e línguas, sem ser verdadeiramente de nenhum, ou talvez um pouco de todos. A universalidade alarga-se, nestes três poemas, ao território da memória e do afeto, reconhecendo que a verdadeira cidadania não se restringe ao corpo ou à nascença, mas que é antes profundamente emocional e cultural.

A sua voz poética emerge num diálogo intercultural contemporâneo, no qual acompanhamos a travessia de corpos e emoções em trânsito: retratos poéticos de uma experiência migratória coletiva, feita de dor, ansiedade e medo, mas também de esperança, querer e vontade. Ao atravessar fronteiras, cruzamos o “território de incertezas”. Uma temática que ecoa também em “Somos filhos de múltiplas pertencas”, onde a poeta afirma a globalidade como característica de uma geração “presa às raízes ancestrais”, mas que cresce entre línguas misturadas e geografias dispersas. A poesia torna-se, assim, um espaço de diálogo entre ausência e memória emotiva, entre herança e futuro, entre culturas divergentes em pessoas convergentes.

Com a beleza das palavras, São Gonçalves transforma a dor do exílio em canto, a divisão do coração, de quem deixou para trás família, lar, segurança, em território desconhecido mas fértil de criação, reinvenção, redescoberta e força. E, nesse lugar de fronteira, faz da palavra um lar possível: “Sou de nenhum lugar / Ou de todos os que chamo, LAR.”

São Gonçalves é natural do distrito de Aveiro, mas reside há mais de três décadas no Luxemburgo. Licenciada em Humanidades - Estudos Portugueses e mestre em Relações Interculturais, desenvolveu uma carreira literária marcada



Fotografia de São Gonçalves, capturada pela objetiva de Estelle Valente

pela poesia e pela divulgação cultural. É autora de seis livros de poesia - quatro a título individual e dois em parceria com a pintora portuguesa Edite Melo - e participou em numerosas antologias poéticas, tanto em Portugal como no estrangeiro. Em 2020 integrou a coletânea de contos *Correr Mundo*. Doze mulheres, doze histórias de emigração (Oxalá) e, em 2022, foi coordenadora e coautora da obra *Esch, lugar de memórias* (Oxalá), iniciativa da *Librairie Pessoa*. Foi ainda coordenadora de várias publicações coletivas, entre as quais a IV e V Antologias de Poetas Lusófonos na Diáspora (Oxalá, 2022, 2024) e a coletânea *Contos e histórias daqui e d'além* (Oxalá, 2023). Entre outras distinções, em 2025 conquistou o Prémio Literário Internacional Suisse Littérature Network, em reconhecimento do seu percurso no panorama literário internacional.

Corpos em Trânsito

Nesse ano atravessámos fronteiras
a pele esticada pelo sol como um mapa em branco,
sonhos a explodir nas veias,
como rios muito perto da nascente.

Nesse tempo, os dias eram um território
de incertezas. Uma dança simbólica
entre o desejo e o medo, entre o que se deixa
e o que se procura.

A voz a aprender a linguagem
da partida. A gravar na memória a metáfora da ausência.
A reinventar-se em cada estação, a vestir outras peles
sem despir a sua.

Os corpos inscrevendo o futuro
nas calçadas estrangeiras, falando com sotaques que choram
e cantam caminhando, atravessando os dias, as semanas
entre duas moradas.

O coração dividido entre o lugar, o afeto
e uma nova identidade. Os braços a carregar um passado
que já não cabe na mala.

Há promessas no olhar, cansaço nos pés
uma terra que chama e outra que não responde
como se o mundo coubesse num só trago
na linguagem do desapareço.

Somos filhos de múltiplas pertenças

Somos filhos de partidas silenciosas,
nascidos entre sonhos e promessas.
Comemos do pão que os nossos pais amassaram,
com mãos cansadas e sotaques
guardados nos punhos.

Somos a geração de orações
que não cabem em livros sagrados,
dispersas na geografia dos continentes. Não
estamos nem aqui nem lá.

Presos às raízes dos nossos ancestrais
falamos línguas que os avós já não entendem
numa coreografia que os pais
não sabem nomear.

Defendemos o direito de escolha
somos do entre, do meio, do cá e de lá
da dobra da história que ainda se escreve.
Crescemos entre culturas, línguas misturadas
Não somos de um só lugar, vivemos divididos
em múltiplos sentimentos de pertença!

Sou de Algum Lugar

De onde sou?
Sou daqui, com um nome que tropeça na boca dos outros.
Sou de lá, onde me dizem que já não falo a sua linguagem

De onde sou?
Sou do meio, do entre, da fronteira que ninguém vê, mas
que sente.
Sou de cada olhar que me mede
Sou de cada pergunta que me desarma.
Sou de Camões, de Agustina, de Sophia

Pertenço a uma casa sem porta
A um chão movediço
Sou o eco de uma infância que fala outra língua
Sou a memória de um cheiro que me transporta para longe
Um hino que não canto, mas conheço a letra de cor.

De onde sou, afinal?
Sou de todos os lugares
Da pequena aldeia no meio da serra
Da cidade grande de betão rasgando o céu
Sou de nenhum lugar
Ou de todos os que chamo, LAR.

